



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias

SNBU 2014

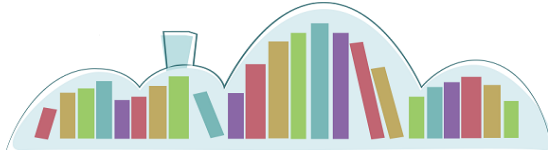
O HISTÓRICO DA BIBLIOTECA

COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO E SALVAGUARDA

DAS COLEÇÕES DE LIVROS RAROS E ESPECIAIS

NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

Ana Virgínia Pinheiro
Cássia Rosania Nogueira dos Santos
Vânia Melo da Rocha
Rosani Godoy



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

RESUMO

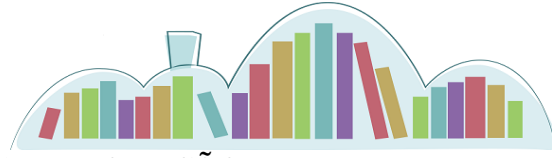
Esta pesquisa objetiva demonstrar a importância do histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda, especificamente, das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. Através de revisão literária, centrada na História do Livro e da Biblioteca Universitária brasileira, faz um relato do estado da arte de suas coleções memoriais, identificadas como raras e/ou especiais. Aponta o histórico da biblioteca como ponto de partida para o resgate da memória da formação e desenvolvimento de uma coleção especial. Nesse contexto, discorre sobre a importância, características e modos de elaboração do histórico; enumera os recursos disponíveis para sua redação; e ressalta a omissão do histórico da biblioteca nos modelos de diagnóstico e de formação e desenvolvimento de coleções, consagrados na literatura. Conclui, informando os elementos essenciais para a redação do histórico da biblioteca universitária, guardiã de livros raros especiais.

Palavras-chave: História do Livro e da Biblioteca Universitária brasileira. Biblioteconomia de Livros Raros. Formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas especiais. Histórico da Biblioteca. Diagnóstico de bibliotecas.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate the importance of history library management tool and safeguard specifically collections of rare and special books in the Brazilian university library. Through literature review, focusing on the History of the Book and the Brazilian University Library is an account of the state of the art collections of their memorials, identified as rare and / or special. Pointing historical library as a starting point for the recovery of memory formation and development of a special collection. In this context, discusses the importance, characteristics and methods of preparing the history; lists the resources available for writing; and highlights the omission of the historical library models and diagnostic training and development of collections, established in the literature. Concludes, stating the essential elements of writing the history of the university library, rare books and special guardian.

Keywords: History of the book and the Brazilian University Library. Rare Books Librarianship. Special collection development and management. History of the library. Libraries diagnostic.



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

1 INTRODUÇÃO

A história do livro e das bibliotecas registra que a maior biblioteca da Antiguidade, a Biblioteca de Alexandria, modelou a formação e o desenvolvimento de bibliotecas por séculos. A biblioteca ideal era a biblioteca alexandrina – a biblioteca de todos os livros, continuamente acumulados!

Bibliotecários ao longo do tempo trabalharam pelo enriquecimento de coleções. Boa biblioteca era aquela que tinha “tudo”. No entanto, “nenhum bibliotecário pode, naturalmente, obter todos os livros: nenhuma biblioteca pode atender a todas as necessidades” (SHERA, 1976 apud FIGUEIREDO, 1998, p. 68).

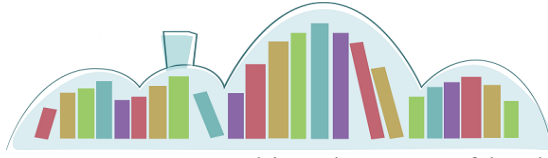
Mas, o modelo de biblioteca alexandrina persistiu na construção de todos os tipos de bibliotecas, conforme sua natureza. Então, as bibliotecas transformaram-se em depósitos, em lugares de memória, teoricamente, organizados.

Essa aparente organização das bibliotecas escondia o conflito cotidiano entre os métodos de organização consagrados e seu mais evidente efeito colateral – as bibliotecas não cresceram com equilíbrio.

Esse desequilíbrio era consequência não só das escolhas personalizadas de bibliotecários de distintas épocas, que construía bibliotecas acreditando atender às demandas de seu tempo; resultou, também, do fato de que nas bibliotecas “organizadas” houve acolhimento, recolhimento, acréscimo, subtração, inclusão, exclusão, destruição e salvamento movidos por valores, ideias, ideais, ideologias, políticas, ou, simplesmente, pelo ponto de vista dos curadores de acervos bibliográficos, à luz da mobilidade conceitual no tempo, que definiu gostos e interesses.

No que se refere a coleções memoriais, “as práticas verificadas nas bibliotecas brasileiras denunciam acervos cumulativos, onde é ignorado o sentido de coleção como parte de um acervo. [... onde] são inventariados como *raros*, todos os livros que *parecem raros*” (PINHEIRO, 2009, p. 38; grifos do autor).

No caso específico das bibliotecas universitárias brasileiras, suas coleções documentam a história de sua formação e desenvolvimento, da contínua mutação/evolução/involução das missões institucionais a que servem e das e necessidades instrucionais que pretenderam e pretendem atender, de modo teoricamente exaustivo, porque “os bibliotecários relegam a tarefa de seleção para segundo plano” (MIRANDA, 1980 apud WEITZEL, 2006, p. 13).



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

Em seu “Making the most of books”, Leal A. Headley (1932 apud LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 527, tradução nossa), referiu-se do seguinte modo à qualidade das coleções em bibliotecas universitárias: “Diga-me quais os livros que uma Universidade possui eo uso que professores e os alunos fazem deles, que eu lhes direi de que tipo de Universidade se trata”.

Se acervo de uma biblioteca universitária conta a história de mérito do ensino, da pesquisa e da extensão e demonstra, através de sua amplitude e de sua incompletude, a sucessão de teorias e processos que alicerçaram ou deixaram de alicerçar a missão da Universidade, recuperação da memória de práticas negativas e positivas, de circunstâncias fortuitas ou provocadas, de intempéries e de sucessos permitem à biblioteca a surpreendente identificação de sua origem e personalidade, ou a frustrante descoberta de sua perda de identidade! Sem essas informações, de caráter estratégico, como será possível a gestão de uma biblioteca universitária? Como será possível a salvaguarda das coleções memoriais de uma biblioteca universitária?

2 AS COLEÇÕES MEMORIAIS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Uma das questões que afligem, atualmente, as bibliotecas universitárias é o destino de coleções memoriais, identificadas como raras e/ou especiais.

Ora, uma coleção especial é o conjunto dos “livros que, por qualquer razão, merecem o qualificativo de raros; [... e] que, devido à sua raridade, fragilidade ou importância, está apartada das coleções gerais de uma biblioteca" (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 637).

Essas coleções, na biblioteca universitária brasileira, são formadas notadamente por obras científicas de caráter retrospectivo; isto é, obras que não são consideradas “atuais”, por causa da data de sua publicação e conforme a evolução do conhecimento científico que registram.

Mesmo assim, essas obras permanecem dispersas no acervo geral das bibliotecas universitárias ou segmentadas em conjuntos, carentes de uma política de guarda ou dependendo da iniciativa de curadores, habilitados na Biblioteconomia de Livros Raros, por sua salvaguarda.

O que move a aflição indicada é a dúvida crescente se essas obras perdem ou não seu valor de uso, suas funções originais, com a passagem do tempo. Na realidade, aquela aflição é



consequência do desconhecimento que os curadores de acervos têm da história dos livros contada nos livros sobre sua gestão.

O acervo de uma biblioteca universitária configura-se, então, como uma espécie de biografia de determinado conhecimento científico; e as coleções de livros raros e especiais, nesse acervo, são o passado indelével, que permanece nele pelo temor da perda de memória, ou que desaparece dele pelo destemor inerente à irresponsabilidade com a defesa da memória.

Mas, como transformar temor e destemor em ação contínua em favor da gestão e da salvaguarda de coleções especiais em bibliotecas universitárias?

Não há fórmula descrita na literatura científica, embora uma solução para a questão seja inadiável.

Salvo raras exceções, faltam políticas formais de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias brasileiras, “comprometendo o esforço comum para a formação de pesquisadores e profissionais aptos ao desenvolvimento de pesquisa e extensão” (WEITZEL, 2006, p. 13). Assim como não há método que alicerce a cultura do “guardar”, afim à formação e ao desenvolvimento da biblioteca universitária, e que ao mesmo tempo oriente políticas para salvaguardar – que permitam “não só a sua guarda [do patrimônio bibliográfico], mas igualmente a possibilidade de ter-lhe acesso” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 653).

Talvez, seja relevante considerar como solução a “abordagem afetiva”, sugerida por Ruskin (1897 apud CHOAY, 2001, p. 140-141) que entendia que o resgate da memória seria possível “pela intermediação de sentimentos morais, a reverência e o respeito”. Valores que se manifestariam numa ação inteligível sobre a coleção que, mesmo que não documentasse o impacto de cada livro no conjunto, fosse capaz de reconhecer seu valor como arquétipo, em distintas épocas, da formação científica, e seu papel como ícone cultural de determinado conhecimento científico.

Essa ação inteligível se manifestaria no histórico da biblioteca que, no entender de Pinheiro (2011, f. 19) é “documento estratégico”, posto que

A primeira preocupação do bibliotecário, antes de estabelecer e implementar quaisquer procedimentos relativos à gestão de uma biblioteca é buscar informações sobre ela. É essencial que o bibliotecário desenvolva certa familiaridade com a história da formação e desenvolvimento de suas coleções fundadoras (acervo básico-histórico), sua proveniência, sua importância [...]. É necessário, para compreender a missão da biblioteca, conhecer as ações que justificam sua substância – boa ou má.



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

O histórico da biblioteca configura-se, então, como o ponto de partida para o diagnóstico organizacional, elemento imprescindível na gestão de bibliotecas, viabilizando o resgate da memória da formação e desenvolvimento de uma coleção, e um “novo olhar” sobre ela, reconhecendo-lhe o caráter de rara e/ou especial – principalmente, quando a coleção goza de aparente temporariedade, definida pela evolução do conhecimento científico, como é o caso das coleções de bibliotecas universitárias.

3 IMPORTÂNCIA, CARACTERÍSTICAS E MODOS DE ELABORAÇÃO O HISTÓRICO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Não há como pensar no futuro da biblioteca sem saber o que foi feito por ela e a razão de seu conteúdo. No que se refere ao conteúdo, “o histórico deve ser capaz de responder, por exemplo, a primeira e necessária pergunta de um bibliotecário ao se deparar com um acervo bibliográfico: *de onde vieram esses livros?*” (PINHEIRO, 2011, f. 19).

A falta de registros dessa natureza leva à interpretação nefasta do estado da arte de uma biblioteca por sua aparência – e a aparência é aquilo que se vê, apenas. Mas, nem todos os processos e tomadas de decisão se evidenciam na aparência de uma biblioteca ou, se constituem evidências, suas justificativas (se existem) não gozam da mesma disponibilidade.

Além disso, os bibliotecários gestores, comumente, não são orientados, desde sua formação acadêmica, a entender o histórico da biblioteca como a chave para o esclarecimento das dúvidas que, certamente, perpassam pelos processos decisórios; porque é o histórico da biblioteca que favorece à “análise do produto do trabalho de gerações de bibliotecários que formaram e desenvolveram biblioteca” (PINHEIRO, 2011, f. 19). O histórico é, portanto, o recurso fundamental de gestão.

É impossível falar do presente sem consultar o passado, pois ambos estão atrelados. A pesquisa e a elaboração do histórico da biblioteca universitária podem revelar aspectos importantes da formação e desenvolvimento da coleção de obras raras e especiais, como um conjunto bibliográfico que é, ao mesmo tempo, memorial e documentário da formação acadêmica.

A elaboração do histórico de uma biblioteca universitária implica a consideração de elementos personalíssimos, do âmbito da gestão universitária, que envolvem, pelo menos, o uso dos seguintes recursos:

- a) arquivo institucional,
- b) relatos de antigos funcionários.



3.1 Arquivo institucional

Este recurso é muito rico, uma vez que deve guardar toda a memória da instituição.

Há que destacar o caráter histórico, retrospectivo, do arquivo institucional – mesmo que os documentos nele contidos tenham perdido sua função administrativa, mantêm importância fundamentalmente histórica, que serve à comprovação de ações e decisões tomadas.

Essa qualidade do arquivo institucional é presumível considerando, por exemplo, a prática de dar publicidade às aquisições da biblioteca como estímulo para outras aquisições (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 18), através de recursos formais de comunicação, tais como:

- Estatuto e regimento institucional
- Atas das reuniões de congregação;
- Relatórios periódicos de atividades, emitidos pela biblioteca e/ou por instâncias administrativas superiores;
- Boletins internos e outras publicações oficiais
- Portarias, ordens e instruções de serviço;
- Pareceres acadêmicos sobre a importância do acervo para as metodologias de ensino propostas;
- Bibliografias dos programas de cursos e disciplinas ministrados;
- Listas desideratas;
- Cartas emitidas e recebidas, notadamente, as de agradecimento;
- Livros de registro e tombamento de acervos bibliográficos

Nesses documentos, indagações relativas ao histórico da biblioteca – algumas, elementares – podem ser respondidas, a saber:

- Qual é a data de criação da biblioteca?
- Qual é a sua missão e quais são seus objetivos e metas?
- Qual a procedência de seu acervo?
- Quais são suas datas-limite? Qual é o item mais antigo, qual é o mais recente?
- Qual é a coleção fundadora do acervo e que constitui, por isso, o acervo memorial, básico-histórico da biblioteca?



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

- Quais os tipos e recursos de aquisição praticados, desde sempre?
- Quais políticas de formação e desenvolvimento foram implementadas, um dia?

3.2 Relatos de antigos funcionários:

É válido fazer uso da memória oral de antigos funcionários da universidade, colhendo relatos pessoais sobre a história dos livros, da leitura, dos usuários, dos funcionários e, por extensão, da formação e desenvolvimento da biblioteca. Esse procedimento não deve ser confundido com a coleta de opiniões sobre a biblioteca e seus serviços, mas, caracterizado como a busca e reconstrução de uma história testemunhada.

Essa história testemunhada é flexível, é alicerçada “em emoções e vivências”, de modo que “os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002 apud COGO, 2011, p. 3).

Agora como nunca, a(s) história(s) do livro e da leitura começa(m) a sair dos círculos dos bibliófilos e eruditos para satisfazer a curiosidade pública geral. [...] No momento em que hábitos de leitura se modificam de forma drástica, acorremos ao passado para compreender e suportar melhor a revolução tecnológica, sem a impressão de se dar um salto no abismo escuro. A História nos dá, senão a garantia, ao menos a impressão de que o futuro vizinho é fruto e continuação de nossos próprios passos (WANDELLI, 2002, p. 40).

As informações recuperadas através deste recurso generoso poderão esclarecer importantes lacunas verificadas na pesquisa, desenvolvida no arquivo institucional.

Caberá ao gestor de acervos raros e especiais da biblioteca universitária, validar as informações obtidas, mediante confronto dos dados recuperados no arquivo com a fidedignidade e mérito institucional de quem relata.

O resgate da história da biblioteca viabilizará, então, a redação formal de seu histórico.

4 O HISTÓRICO, PROPRIAMENTE DITO, DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

O caráter estratégico do histórico, embora necessário para o diagnóstico de uma biblioteca, não é abordado pela literatura recém-publicada nas áreas de gestão e de formação e desenvolvimento de coleções.

Segundo Almeida (2005, p. 53, 56), o diagnóstico é um “processo sistematizado, com tempo e espaço definidos, de avaliação de serviços [e produtos] em organizações” e, através dele, é possível identificar “a missão e objetivos da instituição”, comparando “o estado encontrado com o estado desejado”. A funcionalidade desse conceito não permitiria definir



prioridades na tomada de decisões em relação à gestão e salvaguarda de coleções de livros raros e especiais porque o sentido de missão e objetivos aí indicados, embora condicionados a um “tempo e espaço definidos”, estão restritos ao presente (“o estado encontrado”) e ao futuro (“o estado desejado”), sem relevar o passado – o estado inicial, o estado fundador da biblioteca.

Essa circunstância de omissão se verifica, também, na definição de seis etapas, consolidadas e interdependentes, do processo de desenvolvimento de coleções (VERGUEIRO, 1989; EVANS, 2000; MACIEL; MENDONÇA, 2006 apud WEITZEL, 200, p. 17-18):

- Estudo da comunidade
- Políticas de seleção
- Seleção
- Aquisição
- Avaliação
- Desbastamento e descarte

Ora, se processo de desenvolvimento de coleções é comum a todas as bibliotecas, podendo ocorrer de forma diferenciada por tipo de biblioteca (VERGUEIRO, 1989 apud WEITZEL, 19, p. 19), e se pelo menos três de suas etapas implicam procedimentos de diagnose (estudo da comunidade, seleção e avaliação), então, como será possível refletir sobre a formação de uma coleção de livros raros e especiais, numa biblioteca universitária, se nenhuma das etapas indicadas releva eventos pretéritos, que beneficiariam a compilação de um histórico? Convém acrescentar que, por exemplo, um guia das coleções incorporadas ao longo da vida e crescimento de uma biblioteca universitária é segmento natural de um histórico, e instrumento imprescindível para as demais etapas do processo de desenvolvimento de uma coleção memorial. Aliás, vale ponderar, ainda, sobre qual das duas perguntas, a seguir, possibilitaria a resposta mais segura:

1ª Que tipo de biblioteca possui coleção memorial?

2ª Que tipo de biblioteca não possui coleção memorial?

Diante do avanço do conhecimento científico e da ampliação retrospectiva do escopo de pesquisa nas universidades, em face de inovadoras linhas de pesquisa de memória científica, as bibliotecas universitárias, certamente, não compõem a resposta à segunda pergunta. Essa situação tem levado os bibliotecários gestores a um surpreendente retorno a coleções negligenciadas, que foram, um dia, denominadas como “livros velhos”.

Se é imprescindível a realização do diagnóstico pelo bibliotecário, ao assumir a gestão de uma biblioteca universitária, então o histórico há de compor esse diagnóstico, subsidiando



o levantamento de dados, constituindo-se, ele mesmo, um elemento de memória e uma das etapas do processo de desenvolvimento de coleções.

5 PERSPECTIVAS PARA UM MODELO DE HISTÓRICO

O histórico da biblioteca universitária deve ser um documento independente, avulso, para facilitar seu trânsito, com distintas utilidades, e, que deve ser anexado ao documento formal de diagnóstico, como informação necessária e inseparável.

Um modelo de histórico pode ser delineado a partir da consolidação de boas práticas, consagradas em bibliotecas de todas as naturezas, desde que arrole informações fundamentais para o conhecimento da biblioteca e das coleções memoriais que a compõem.

Do conjunto de informações, captadas por ocasião do diagnóstico, o histórico da biblioteca configura-se como informação de maior relevância. Um histórico deve apontar:

- a) elementos estruturais – tipos de publicações incorporadas, quantidade, formatos, suportes; e
- b) elementos substantivos da biblioteca – proveniência; autores, títulos e editores que merecem destaque; datas-limite das coleções identificadas. data e lugar de publicação, além de singularidades relativas ao tratamento técnico biblioteconômico, ao longo do tempo (PINHEIRO, 2011, f. 42-51).

Desse conjunto, evoluem as debilidades e fortalezas da coleção, oportunidades e ameaças ao acervo, tanto do ponto de vista estrutural quanto do substantivo.

Tais informações são estratégicas, para respaldar decisões técnicas, orientar intervenções, redefinir métodos, técnicas e responsabilidades, e definir prioridades (ALMEIDA, 2005, p. 56).

Vale ressaltar que embora se considere que o diagnóstico seja realizado de tempos em tempos, para manter sua atualidade, o histórico será sempre uma “obra inacabada”, um instrumento em construção, em face da multiplicidade de fontes para a sua concepção, tão específicas quanto surpreendentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como etapa do processo de desenvolvimento de coleções, o histórico precisa ser definido operacionalmente, descrito e analisado na literatura científica especializada em gestão e em desenvolvimento de coleções, que ainda o omitem, embora sua importância seja objeto de vasta literatura especializada no âmbito da História do Livro e das Bibliotecas,



infelizmente, com ênfase para o desaparecimento das coleções memoriais (Cf. BATTLES, 2003; BÁEZ, 2006; POLASTRON, 2013).

Ora, se o processo formação e desenvolvimento de coleções sempre fez parte da história do livro e das bibliotecas; e se é impossível formar e desenvolver coleções, sem considerar as questões inerentes a esse processo (WEITZEL, 2002), o histórico é um instrumento de gestão de tal importância, que é surpreendente que existam bibliotecas que não dispõem de qualquer informação sobre sua origem, identidade, composição.

A biblioteca universitária não escapa a essa condição, embora seja, atualmente, um repositório de coleções memoriais, incorporadas mediante aquisição a docentes (por compra ou doação), que em outros tempos mantiveram, ou não, vínculos com a universidade.

Há quem considere que “as obras raras administradas pelas bibliotecas universitárias são beneficiadas [...] pelo fato de estarem em instituições preocupadas com a pesquisa de novas técnicas de preservação e difusão” (RODRIGUES, 2006, p. 116).

No entanto, enquanto bibliotecários de bibliotecas universitárias continuam a desenvolver seu trabalho, comprometidos com a missão institucional; as coleções de livros raros e especiais permanecem como “cadinhos secretos, onde o livro raro, simplesmente, cumpre o seu tempo de vida útil, morrendo, sem encontrar a mão do leitor” (PINHEIRO, 2000), dependente da iniciativa de bibliotecários que se descobrem, mais por paixão que pela formação, bibliotecários de livros raros.

Além disso, a gestão de livros raros e especiais exige o profundo conhecimento das coleções, que

[...] não se adquire nem por magia nem mecanicamente. [...] Aprende-se a conhecer as coleções convivendo com elas [...]. Certamente que o gosto pessoal conta, mas como o ouvido para a música, também se educa. Isto é importante ter presente porque se trata de uma aprendizagem que demora anos a cimentar. E conhecer as coleções tem uma tripla finalidade; por um lado, para mais fundamentadamente se processarem novas posições; por outro lado, para antecipar serviços de qualidade superior e, finalmente, para melhor se concretizar o exercício de ações de preservação e conservação (CABRAL, 2005, p. 12).

Diante da importância das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária, que têm o potencial de assumir a função de geradoras de novas pesquisas, acumulando a função anterior de coleção memorial, faz-se necessário elaborar uma estratégia de salvaguarda para sua preservação, garantindo a continuidade do usufruto de seus benefícios por seus usuários reais.



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG
XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

A produção de um histórico como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira, plenamente configurado em suas funções específicas e em seu conteúdo, é um dever do gestor de acervos memoriais, do bibliotecário de livros raros.

Se “a história do livro e das bibliotecas no Brasil é [...] pouco sabida” (MORAES, 2006, p. 18), e se as bibliotecas universitárias contribuem para a essa fragilidade, no que tange às coleções memoriais sob sua guarda – o que é incompatível com sua razão de ser, então, a escrita da história de formação e desenvolvimento das coleções de livros raros e especiais em bibliotecas universitárias é necessária, imprescindível e urgente.

Uma certeza evolui dessas ponderações, à luz da Biblioteconomia de Livros Raros: não há simplicidade ou ingenuidade na aparente organização de uma biblioteca, porque toda biblioteca resume o caos do estado da arte do conhecimento, em sua época, e acumula o caos de épocas anteriores. De tal modo que, o conhecimento da história da formação e do desenvolvimento de suas coleções, do histórico da própria biblioteca, é essencial para desvelar seu passado, compreender seu presente e delinear seu futuro.



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de Almeida. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2005.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BATISTA, Aline Herbstrith. **Conceitos e critérios para a qualificação de obras raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

CABRAL, Maria Luisa. **Conservação preventiva, por quê?** Páginas A&b, n. 15, p. 7-27, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COGO, Rodrigo Silveira. A elaboração discursiva da memória organizacional: estudando o storytelling. **CoMtempo**: revista eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 1-10, nov./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7912/7311>>. Acesso em: 25 maio 2014.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. 2. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

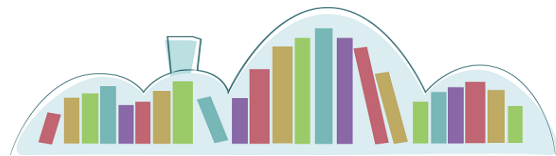
JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Tradução de Marcela Motara. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p. 45-73.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia**: organización técnica y científica de las bibliotecas. Madrid: Editorial Mayfe, 1952.

McNEELY, Ian F.; WOLVERTON, Lisa. **A reinvenção do conhecimento**: de Alexandria à internet. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília DF: Briquet de Lemos, 2006.

PINHEIRO, Ana Virginia. Do labirinto ao invisível: a história do livro raro no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19/CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO/ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 7., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2000. 1 CD-ROM



SNBU 2014
Belo Horizonte - MG

XVIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias
16 a 21 de novembro

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena T. C. (Org.). **Ciência da informação**: múltiplos diálogos. Marília, SP: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 31-44.

PINHEIRO, Ana Virginia. **Organização e administração de bibliotecas**: planos de aulas. 2011. Material didático de apoio à disciplina OAB, ministrada na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

POLASTRON, Lucien X. **Livros em chamas**: a história da destruição sem fim das bibliotecas. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.35, n.1, p.115-121, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a12.pdf>>. Acesso em 25 maio 2014.

WANDELLI, Raquel. Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos: o livro na era do computador. In: SOUZA, Ieda Maria de et al. (Org.). Biblioteca Universitária da UFSC: memória oral e documental. Florianópolis: [s.n.], 2002. p. 39-42. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/Memoria%20Texto.pdf>>. Acesso em 25 maio 2014.

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.61-67, jan.-jun. 2002.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.